

**ISLAMISMO EM BELO HORIZONTE: A HISTÓRIA DOS MUÇULMANOS,
ÁRABES E BRASILEIROS, NA CAPITAL MINEIRA (1962-2012)**

**ISLAMISM IN BELO HORIZONTE: THE HISTORY OF MUSLIMS, ARABS
AND BRAZILIANS, IN CAPITAL MINEIRA (1962-2012)**

Edson Alexandre Santos Real*

Resumo

Este texto é uma síntese da pesquisa que foi desenvolvida para a conclusão do Curso de História, realizado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. O objetivo central é abordar a história da Comunidade Muçulmana de Belo Horizonte e definir os fatores que contribuíram para o surgimento de uma mesquita na cidade. Para isso, foi necessário mergulhar nos arquivos da cidade com a finalidade de obter dados oficiais para o estudo. Além disso, foram realizadas uma série de entrevistas com imigrantes muçulmanos com a tentativa de resgatar registros pessoais e comunitários de uma imigração tão complexa como a árabe. Já com os brasileiros, as entrevistas buscaram entender os motivos da conversão a uma religião pouco divulgada no Brasil.

Palavras-chave: Comunidade, Imigração, Belo Horizonte

Abstract

This text is a summary of the research that has been developed for completing the Course of History, held at the Pontifical Catholic University of Minas Gerais. The main objective is to address the history of the Muslim Community of Belo Horizonte and to define the factors that contributed to the emergence of a mosque in the city. For this it was necessary to dive in the archives of the city in order to obtain official data for the study. In addition, a series of interviews with Muslim immigrants to attempt to rescue personal and community records of such a complex immigration as the Arab were performed. With the Brazilians, the interviews sought to understand the reasons for conversion to a religion little known in Brazil.

Keywords: Community, Immigration, Belo Horizonte

Introdução

O mundo contemporâneo vem passando por intensas transformações de caráter político, econômico, religioso e sociocultural. Nos últimos dias do ano de 2010, um

* Especialista em História e Culturas Políticas / UFMG, professor de História na Rede Particular de Ensino. alexandrereal@msn.com

cidadão tunisiano desempregado ateou fogo ao próprio corpo como forma de criticar o governo e as más condições de vida de boa parte da população daquele país. Após sua morte, milhares de pessoas saíram às ruas. Os protestos tinham como objetivo principal libertar o país do ditador **Zine el-Abdine Ben Ali** que estava no poder há várias décadas. Após dias de manifestações e forte repressão do governo, Ben Ali se viu obrigado a renunciar ao cargo no dia 14 de Janeiro de 2011.

Movimentos contestatórios emergiram em diversas partes do Norte da África, espalhando-se, posteriormente, por todo o Oriente Médio. Um a um, os ditadores do Egito, **Hosni Mubarak**, que estava no poder há mais de 30 anos, **Muamar Kadafi**, da Líbia, no poder desde 1969 e **Ali Abdullah Saleh**, presidente do **Iêmen**, foram retirados do governo após intensa pressão popular¹. Esse movimento internacional ficou conhecido como *Primavera Árabe*.

Analisando os conflitos ocorridos no mundo árabe, podem-se afirmar, de forma generalizada, algumas peculiaridades desses países onde ocorreram essas ondas revolucionárias.

- 1- A maioria da população é muçulmana — desconsiderando as diferenças internas existentes entre as várias doutrinas do Islã — e urbana.
- 2- A parte litorânea desses países é densamente povoada, onde se localizam as cidades mais importantes e, em alguns casos, as capitais.
- 3- A língua e a cultura árabe, presentes na vida da maioria da população, estabelece entre eles um traço identitário de base religiosa.

Assim, por estarem ligados por laços religiosos, os muçulmanos possuem um forte sentimento de união e *comunidade (ummah)*. Estes sentimentos fazem com que os muçulmanos de diversas partes do mundo estejam engajados na cooperação mútua em movimentos separatistas, em revoltas populares e na adaptação de imigrantes em outros continentes.

No Islã, a comunidade não assenta na raça, nacionalidade, lugar, ocupação, parentesco, ou interesses especiais, assim como não deriva o seu nome de algum chefe, fundador ou acontecimento. Ela transcende as fronteiras nacionais e políticas. A base da comunidade no Islã é o princípio que designa à submissão voluntária a vontade de Deus, a obediência a sua lei e o empenho na sua causa. Em resumo, a

¹ Atualmente, a Síria vive um violento conflito entre opositores e apoiadores do regime do presidente Bashar al-Assad.

comunidade islâmica só existe, quando alimentada e sustentada pela filosofia islâmica. (ABDALATI, 1989, p.70)

Como ressaltado por Abdalati, o muçulmano, seguidor do Islamismo, não tem nacionalidade específica. Ele pode ser muçulmano na Arábia Saudita, nos Estados Unidos da América, na China, na Índia, na Palestina ou mesmo no Brasil. Ele pode ser branco, negro, mestiço, pardo ou oriental. O muçulmano crê que os seguidores do Islã compõem uma grande família, na qual a união vem do fato de acreditarem em um único Deus, *Alah*, e que *Muhammad*² foi o derradeiro profeta enviado por Deus para salvar a humanidade³.

O tema do presente artigo encontra sua relevância acadêmica nas discussões sobre a comunidade muçulmana, principalmente após os ataques às Torres Gêmeas do World Trade Center, nos Estados Unidos, o conflito entre israelenses e muçulmanos, na Palestina e, mais recentemente, a *Primavera Árabe*. Além disso, o estudo sobre os muçulmanos no Brasil é muito reduzido, uma vez que há poucas pesquisas sobre o tema. O foco do estudo dar-se-á nos muçulmanos em Belo Horizonte, particularmente no que diz respeito à história do Centro Islâmico de Minas Gerais, na Capital Mineira.

1 - Guerras, fome, opressão; o êxodo árabe pelo mundo.

Durante décadas, a presença de muçulmanos no Brasil foi reduzida, só alterando este quadro no período compreendido entre os anos de 1860 a 1890, quando efetivamente se iniciou a imigração de árabes para terras brasileiras⁴. No período acima

² Obedecendo ao padrão internacional, utilizaremos o nome do profeta em árabe; Muhammad, mas comumente conhecido como Maomé.

³ Os muçulmanos acreditam que de tempos em tempos Deus envia à Terra “homens iluminados” para salvarem a humanidade. Os cinco principais profetas dignos de maior fé no Islã são: Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Muhammad, que foi o último profeta, sendo considerado o mais importante por isso.

⁴ Estudiosos árabes e brasileiros afirmam que em documentos existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal, no Cartório da Inquisição e no Tribunal do Santo Ofício, encontradas no Vaticano, comprovam a existência na esquadra de Pedro Álvares Cabral dos muçulmanos Chuhabidin bin Májid e Mussa Bin Sáte. Por se tratar de um número bastante reduzido, grande parte dos historiadores desconsidera os dados acima e afirma que um dos marcos da presença muçulmana no país se remete ao período da escravidão africana, entre os séculos XVI e XIX. Durante cerca de trezentos anos, navios tumbeiros cruzaram o Oceano Atlântico trazendo cativos com destino ao Brasil. Os escravos trouxeram consigo o conhecimento, as técnicas e as tradições, além de praticar suas crenças, mantiveram sua fé e o anseio a liberdade, inerentes à religião. Porém, muitas foram as represálias que os negros muçulmanos sofriam por parte do senhor branco para abandonar seus costumes. O grande número de cativos muçulmanos na região baiana durante o século XIX possibilitou a formação de diversas revoltas e motins que buscavam a liberdade religiosa e o fim da escravidão, sendo a mais conhecida delas a Revolta dos

citado, o decadente Império Turco-Otomano, de maioria muçulmana, ainda era uma potência asiática e europeia, controlando áreas dos atuais Líbano, Síria e Jordânia.

Os indivíduos cristãos-árabes que viviam no Império Turco-Otomano estavam insatisfeitos pelo aumento da fome, das sucessivas guerras, da crise financeira e da corrupção generalizada que assolava toda a sociedade. A desorganização social era evidente. O Império Turco-Otomano perdia território e influência para as nações europeias; a moeda não tinha valor comercial no mercado mundial; a maioria da população possuía origem étnica e cultural diversa, o que favoreceu o aparecimento de várias revoltas nacionalistas, sobretudo nos Bálcãs⁵.

Neste contexto de caos, a minoria da população cristã-árabe encontrava-se em estado de miséria absoluta, recusando-se a aceitar as regras impostas pelo inimigo turco-muçulmano. A falta de esperança em um futuro melhor fez com que cada vez mais grupos de imigrantes cristãos-árabes buscassem melhorias de vida em outros continentes. O êxodo do Império Turco-Otomano, durante todo o século XIX, fez com que centenas de milhares de imigrantes se deslocassem para a América, África e Europa.

Os imigrantes não se preocupavam efetivamente naquele momento com o local para onde iriam imigrar⁶. Além de fugir da dominação e repressão otomana e da desorganização social interna, deveriam existir motivações para que a decisão de mudar fosse colocada em prática. Algumas razões são levantadas por Pereira, que analisa a imigração portuguesa pelo mundo, como se lê a seguir:

Os motivos são vários, razões políticas, afetivas e mais comumente, econômicas. [...] No entanto, subjacente a todos esses motivos, está a busca do trabalho, porque ele é a condição básica de sobrevivência, principalmente em terras estrangeiras; e mais, está associado sempre à

Malês. Sobre este assunto, ver REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Outro importante estudo que aborda os muçulmanos no Brasil é de RAMOS, Arthur. *As culturas negras: introdução a Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

⁵ O Império Otomano é estudado em todos seus aspectos por FROMKIN, David. *Paz e Guerra no Oriente Médio - A Queda do Império Otomano e a Criação do Oriente Médio Moderno*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1998.

⁶ Estavam estimulados pela fome, pela guerra civil, pelo atraso econômico, pela seca, por colheitas perdidas e por perseguições político-religiosas. Lutavam para sair da repressão turca e da desordem social ocasionada pela decadência do império. Coulon, citado por Pereira, afirma que, “a imigração é um indício do estado de desorganização da sociedade [...], o fato de emigrar para a América provoca uma reorganização [...] sem por isso assimilar-se totalmente ao grupo que acolhe na medida em que podem sobreviver paralelamente formas culturais atenuadas do grupo original, cujos valores, no entanto, são menos restritivos”. (PEREIRA, 2001, p.36)

ilusão que alimenta o imigrante que é a de um retorno em melhor condição socio-econômica. (PEREIRA, 2001, p. 38)

O processo de imigração afetou a maioria das vilas, aldeias e cidades do Líbano e Síria. Até hoje, a quantidade exata de emigrantes é desconhecida pelo governo dos dois países⁷. A decisão de sair do país normalmente não vem acompanhada de uma percepção clara da realidade vivida no território de recepção. As informações sobre este lugar geralmente são deturpadas, ora pelo governo e pelas companhias de imigração - interessadas, simultaneamente, na mão de obra e em clientes a serem transportados - ou também pelos próprios amigos e parentes, imigrantes pioneiros, que através de correspondências relatavam suas experiências positivas, relacionadas à questão econômica, e negativas, referentes à língua, religião, alimentação e costumes em terras estrangeiras.

Esta onda de imigrantes “chegou ao Brasil de forma espontânea, ou seja, não foi fruto de uma política de governo e não contou com o apoio de uma rede oficial de aliciamento e recepção” (JORGE, s.d, p.169)⁸. Os árabes, principalmente sírios, libaneses e palestinos, vieram para o Brasil com “a cara e a coragem”. Muitos chegaram apenas com o dinheiro da passagem de navio, trazendo na bagagem poucas roupas, muitos filhos e a expectativa de uma vida melhor.

As autoridades brasileiras definiam como imigrantes todos os passageiros que vinham de terceira classe e desembarcassem em portos brasileiros. Ao chegarem em terras tropicais, desciam no porto do Rio de Janeiro, até então capital do Império. Com o Golpe Militar que instalou a República, em 1889, passaram a chegar pelo porto de Santos, em São Paulo. Instalaram-se majoritariamente nos dois estados, daí se espalharam pelo país, de Norte a Sul, sobretudo para as cidades de Belo Horizonte, recém-inaugurada, e Curitiba, nas localidades fronteiriças e na região Amazônica, onde

⁷ Para uma análise do êxodo árabe, ver: HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2 ed, 1991. Também é necessária uma abordagem mais profunda no livro de KNOWLTON, Clark S. *Sírios e Libaneses*. Mobilidade Social e Espacial. São Paulo: Anhambi, 1961.

⁸ A imigração árabe torna-se peculiar porque não contou com incentivos do governo brasileiro, o que a difere da imigração europeia, que incentivada por uma política governamental - que pretendia abolir a escravidão de negros no país de forma lenta e gradual - chegaram ao Brasil para trabalhar na agricultura e indústria em expansão. Deve-se ressaltar que o governo brasileiro sabia que o fim da escravidão era uma questão de tempo, desta maneira, promoveu a imigração de europeus com o objetivo de melhorar a “raça” e promover o “branqueamento da população”. As teorias racistas associavam degeneração à miscigenação, a união de indivíduos de etnias diferentes produzia incapazes, degenerados, indolentes, ou mesmo pessoas com tendências para a criminalidade. Sobre esse assunto, ver: DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil - 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

se vivia o período de maior exploração econômica do látex.

Esses imigrantes árabes eram identificados e considerados no passaporte como *turcos* — porque seus países estavam sob o domínio do Império Turco-Otomano, mesmo possuindo outra origem étnica e linguística — termo esse usado pejorativamente e que deturpava a verdadeira identidade nacional dos imigrantes. Buscando acabar com todas as generalizações existentes entre os termos árabes e muçulmanos, torna-se necessário, para o desenvolvimento do artigo, definirmos *árabe*. Nas palavras de Gibb, “são árabes todos aqueles para quem a missão de *Muhammad* e as memórias do Império Árabe constituem o cerne da história e que preservem a língua árabe e sua herança cultural como patrimônio comum”. (GIBB, 1962, p.14). Já os muçulmanos são aqueles que seguem o Islã, os Cinco Pilares Sagrados e os ensinamentos de *Muhammad*, independente de serem ou não árabes.

2- Características do imigrante árabe no Brasil e em Minas Gerais

Acerca deste grupo, Clark S. Knowlton, em seu livro já citado anteriormente, pesquisou a entrada destes no Brasil⁹. O autor afirma que “entre os anos de 1884 a 1943, 4.195.832 imigrantes de várias nacionalidades chegaram ao Brasil” (REV. IMIG. COL. 1940, p. 641-642). Deste total, apenas 2,5% ou seja, 106.088 eram turco-árabes. Entre os imigrantes classificados como turco-árabes, há 78.541 classificados como turcos, 20.538 como sírios, 5.206 como libaneses, 825 como armênios, 648 como egípcios, 329 marroquinos e um argelino. “Os imigrantes denominados erradamente como egípcios, marroquinos e argelinos são, em geral, sírios e libaneses que residiam nesses países (...) antes de vir para o Brasil” (BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1945, p. 209-214).

Ainda de acordo com Knowlton, os imigrantes que responderam ao questionário ao entrarem no país eram 26.291 (55,5%) católicos e 21.576 (45,5%) não católicos. A idade com que chegavam ao Brasil era de, 0-6 anos, 4.683 (9,9%), de 7-12 anos 3.497 (7,4%) e de 13 anos acima 39.208 (82,7%). Com relação à escolaridade, 23.702 (50%) eram alfabetizados contra 23.686 (50,0%) analfabetos. A composição por sexo era de

⁹ Para um panorama geral sobre a presença árabe/muçulmana no Brasil, pode se consultar: BILGE, B. Islam in the Americas. In M. ELIADE, ed., *The Encyclopedia of Religion*, Londres, VII : 1987, p. 425-431.

33.024 homens e 14.364 mulheres, divididos pelo estado civil de solteiros 30.125 (63,6%), casados 16.451 (34,7%) e viúvos 809 (1,7%). As principais ocupações eram de lavradores 7.930 (18,0%), operários 891 (2,0%) e outros 35.133 (80,0%).

Os dados acima apresentados são relevantes para entendermos os rumos que se deu à imigração árabe no Brasil. A principal informação para o estudo proposto é que a maioria dos imigrantes não era muçulmana, e sim cristã, essencialmente maronitas e ortodoxos¹⁰. Fica claro que o grupo que emigrou para o Brasil procurava sair das condições subalternas impostas pelo conquistador turco, de maioria muçulmana. Essa informação torna-se curiosa quando recordamos que o Oriente Médio possui o maior percentual proporcional de muçulmanos do mundo. Síria e Líbano são alguns dos países que mais enviaram indivíduos ao Brasil e também se encontram nessa região.

Outro dado relevante é que os imigrantes árabes chegavam ao país geralmente após os 13 anos de idade, solteiros e majoritariamente homens, o que comprova que vinham em busca de melhores condições de vida para si e para ajudar sua família que havia ficado no Oriente.

Também podemos dizer que a metade dos imigrantes sabiam ler e escrever, mas não eram bons industriais devido à carência de fábricas em território otomano. Não sabiam cultivar as lavouras, pois o solo do Oriente Médio é em sua maioria improdutivo. Desenvolveu, com isso, uma habilidade incrível de negociar produtos diversos, mascatear nas cidades e no campo¹¹.

Os primeiros árabes que chegaram ao país passaram a viver em São Paulo – Estado mais rico e o segundo mais populoso na época – e no Rio de Janeiro, que até então abrigava a capital da nação, porém, havia um grande problema. No Brasil dos oitocentos existia uma situação fundiária concentrada nas mãos de uma pequena aristocracia rural, o que lhes vedava o acesso a terra.¹². Desta forma, parte dos

¹⁰ Sobre os maronitas, ver: MAHFOUZ, Joseph. *Os Maronitas*; um Marco na História. 1991. Acerca dos ortodoxos, ler: SARTORIUS, Bernard; DA SILVA, Manuel Ferreira. *Igreja ortodoxa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1982. (Coleção As grandes religiões do mundo número 7)

¹¹ Sobre as contribuições dos árabes e dos muçulmanos para a humanidade, ver SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Outras obras importantes são de LO JACONO, Cláudio. *Islamismo*. São Paulo: Globo, 2002 & FARAH, Paulo Daniel. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.

¹² Durante os anos que compreendem este período, o Brasil era o maior produtor e exportador mundial de café, o que comprova tal afirmativa. O texto de José Miguel Arias Neto, Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.): *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.1, 2003 é uma boa abordagem do período.

imigrantes deslocou-se para outras regiões do Brasil, principalmente Paraná, Pará e Ceará.

Para chegarem às terras mineiras, os imigrantes vinham principalmente do porto do Rio de Janeiro e de lá, seguiam para Juiz de Fora, porta de entrada da província e uma das maiores cidades da época. Ficavam principalmente na *Hospedaria Horta Barbosa*, uma espécie de ponto de acolhida para os imigrantes, seguindo para diversas regiões do estado¹³. Os árabes que vieram para Minas Gerais não se dedicaram à lavoura cafeeira ou à criação de gado, principais atividades econômicas da província, pois não era oferecido qualquer tipo de remuneração financeira, apenas ofertada uma precária alimentação e moradia. Nesse contexto de necessidade de empregos remunerados, os imigrantes se lançam para as áreas urbanas.

A alternativa encontrada pela maioria dos jovens solteiros foi a de se dedicar ao comércio nas áreas centrais das cidades. Os motivos eram o crescente mercado consumidor das áreas urbanas e da atividade econômica de *mascate*, adequada ao projeto de enriquecimento rápido sem nenhum vínculo empregatício¹⁴. Os jovens imigrantes que não tiveram sua mão de obra absorvida pelo comércio passaram a viver do trabalho assalariado na indústria, uma vez que o Brasil, o Estado de Minas Gerais e a cidade de Belo Horizonte passavam por um período de grande modernização e urbanização com a instalação da República.

A presença de imigrantes contribuiu para a modernização do país. Aumentaram o comércio e fizeram expandir as cidades. Segundo Sayad, “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998, p.54).

3- As origens da Comunidade Muçulmana de Belo Horizonte

Por se tratar de uma força de trabalho passageira e obedecendo aos ensinamentos de *comunidade (ummah)* do Islã, os imigrantes árabes-muçulmanos procuravam se fixar próximos uns aos outros, em pequenas ruas¹⁵. Reuniam-se em residências onde não

¹³ Um estudo importante sobre a imigração em Minas Gerais é de MONTEIRO, Norma de Góes. *Imigração e colonização em Minas Gerais, 1889-1930*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1994.

¹⁴ TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1992.

¹⁵ Sobretudo na Rua dos Caetés e Avenida Santos Dumont, região central da capital mineira. Sobre o assunto no Estado de São Paulo, ver a Dissertação de Mestrado e a Tese de Doutorado de Samira Adel

faltavam as comidas da terra e, também, suas danças típicas. Nesses encontros aconteciam os flertes e namoros entre eles, surgindo rapidamente os primeiros casais. As comunidades se expandiam em ritmo acelerado.

A prosperidade econômica alcançada pelos primeiros imigrantes, que construíram pequenos armazéns e fábricas de tecidos, além de comercializar de forma ambulante, favoreceu esse fluxo migracional. A semelhança étnica, cultural e religiosa entre os grupos de sírios, libaneses e palestinos, fazia com que promovessem a solidariedade, o afeto e amenizassem com isso, a saudade da pátria.

Posteriormente, alguns desses pequenos grupos criaram Sociedades Beneficentes Muçulmanas – SBM – e clubes, como os tradicionais Club Libanês e Clube Sírio-Libanês, espalhados por todo território nacional, principalmente na região Centro-Sul do Brasil.

As Sociedades Beneficentes eram constituídas basicamente por imigrantes árabes-muçulmanos de várias nacionalidades e seus descendentes, que também professavam o Islã. No princípio, havia certo isolamento involuntário provocado por várias condições adversas iniciais, como: os costumes árabes eram bem distintos dos brasileiros e a dificuldade idiomática, que foi amenizada ao longo dos anos, quando os filhos assimilavam mais rápido o idioma português, transmitindo aos pais.

A prática religiosa realizada nas pregações de sexta-feira, dia sagrado para os muçulmanos, foi a forma encontrada pela comunidade árabe-muçulmana para manter a união do grupo. Essas reuniões aconteciam principalmente na região central da cidade, onde os adeptos podiam manter um convívio social e falar a língua árabe.

Em Belo Horizonte, este pensamento surge no início da década de 1960. Em 27 de maio de 1962, a SBM de Minas Gerais é fundada na capital. Sua sede localizava-se à Rua Padre Marinho, 507, no bairro de Santa Efigênia. A sociedade propunha a preservação da identidade muçulmana, assim como a manutenção dos costumes e hábitos. Funcionando por toda a década de 1960 e princípios de 1970, enfraqueceu-se com o passar dos anos, devido à ausência de uma figura religiosa, o *Sheikh*¹⁶, a falta de uma sede própria e o limitado número de membros.

Os encontros em Santa Efigênia não chegaram a cessar, mas reduziram-se

Osman.

¹⁶ Uma pessoa comum. Líder espiritual e político de uma comunidade. Não é um intermediário entre o crente e Deus, mas possui grande conhecimento acerca dos ensinamentos de Muhammad. Tem a responsabilidade de cuidar da mesquita, conduzir orações e dar conselhos aos fieis.

drasticamente. No começo da década de 1980, em média trinta muçulmanos começaram a se encontrar em uma pequena sala na Rua São Paulo, número 692, esquina com Avenida Amazonas, no centro da capital¹⁷. Nas palavras de Constantino et al, surge uma figura decisiva para a construção da mesquita, o *Sheikh* Suheil,

um jovem com pouco mais de trinta anos, veio para Belo Horizonte, os membros da sociedade começaram a concentrar esforços para a construção de uma sede própria. [...] O *sheikh* tentou despertar naqueles que tinham mais posses e condições financeiras a vontade de ter um local nos padrões muçulmanos onde pudessem realizar as orações, receber a comunidade [...] reavivando as tradições religiosas e os pilares do islamismo para aqueles que aqui viviam. (CONSTANTINO, 2006, p.16)

Devido à dificuldade econômica encontrada para a construção da mesquita, uma família de origem síria, dona da rede de lojas Nova Brasília, em Belo Horizonte, se solidarizou com os apelos do *sheikh* e financiou com cinquenta por cento dos recursos para as obras de construção do templo religioso; o restante foi dividido entre famílias que possuíam boas condições financeiras.

O Governo do Marrocos, seguindo os ensinamentos do Islã — difundir as palavras de *Muhammad* pelo mundo — financiou a planta arquitetônica da nova mesquita. A Mesquita de Belo Horizonte foi construída nos padrões da arquitetura árabe-marroquina e o projeto é de autoria do arquiteto de mesma nacionalidade, El Ajmi Mohamed Hicham.

Em 27 de agosto de 1989, contando com a presença da comunidade local, autoridades municipais, estaduais, federais e alguns embaixadores muçulmanos, uma cerimônia dá início às obras de construção do que mais tarde seria a Mesquita Profeta Muhammad, atualmente Mesquita de Belo Horizonte, localizada na Rua João Camilo de Oliveira Torres, número 20, Mangabeiras. Em 1991, após dois anos de trabalho intenso, a mesquita ficou pronta, mas sua utilização apenas ocorreu no ano seguinte.

Com a inauguração da mesquita, em 1991, foi desenvolvido um Estatuto de Fundação da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais — SBM-MG¹⁸ — onde definia que “a sua área de ação e atividades estende-se a todo o Estado de Minas Gerais [...] a Sociedade é filiada ao Centro Islâmico do Brasil, em Brasília, e à Liga

¹⁷ Esta sala ficava na sobreloja de uma loja de departamentos denominada Nova Brasília, que pertencia a um imigrante sírio-muçulmano.

¹⁸ Sobre as diversas comunidades muçulmanas do Brasil, analisar: MONTENEGRO, Sílvia Maria. *Identidades muçulmanas no Brasil: entre o Arabismo e a Islamização*. Ed. Lusotopie. n. 2, 2002. p. 59-79.

Islâmica Mundial, com sede em Meca, Arábia Saudita”. (SBM-MG, 1991, p.1) Ainda de acordo com o documento, a finalidade da mesma era “a união, harmonia e concórdia entre muçulmanos, tanto de origem árabe como não árabe e entre seus descendentes” (SBM-MG, 1991, p.1).

4- A Mesquita Profeta Muhammad e a Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais – SBM

A Mesquita Profeta Muhammad é frequentada pelos imigrantes sírio-libaneses que fundaram o templo e já estão em idade avançada, por estudantes estrangeiros que participam de intercâmbio na capital e por imigrantes de diversas nacionalidades residentes em Belo Horizonte. Nesse grupo podem-se incluir marroquinos, argelinos, kosovares, egípcios, franceses, turcos e indianos. O grupo definido no texto como *imigrantes muçulmanos* corresponde a 50% dos frequentadores. A outra metade da *mesquita* é composta por *convertidos brasileiros sem ascendência muçulmana* e por pessoas que, motivadas pelo estudo ou pela curiosidade, deslocam-se ao templo religioso durante as orações de sexta-feira.

Essas pessoas intituladas na pesquisa como *curiosos*, representam menos que 10% do grupo e possivelmente serão os novos convertidos. Devido às especificidades assinaladas, podemos afirmar que a Mesquita de Belo Horizonte se caracteriza como um grupo misto.

Nesses cultos, são discutidos temas como as diferenças entre os *Sunitas* e os *Xiitas*¹⁹; a Doutrina Islâmica; a prática da fé; a *Primavera Árabe*; o *Alcorão*; os Cinco

¹⁹ Apesar do sentimento de união, como toda religião, o Islã possui diferenças internas. Dentre as várias doutrinas existentes no Islamismo: *Sufismo*, *Ismaelitas*, *Duodecimalista*, as duas que possuem maior número de adeptos são os *Xiitas* e os *Sunitas*. No contexto do século VII, de expansão territorial, religiosa e no aumento do número de fiéis, é que surge a separação no Islã. O rompimento entre os grupos surgiu no ano de 632, logo após a morte de *Muhammad*, e tem origem na disputa pelo título de *Califa*, líder máximo do Islamismo, que controla a política, a religião e as questões militares. *Muhammad* morreu deixando filhos, mas sem detalhar informações sobre sua sucessão. Os seguidores se dividiram entre os que acreditavam que ele havia escolhido como sucessor o seu genro e primo Ali ibn Abi Talib (600-661), mas um grupo de opositores afirmava que Muhammad havia escolhido seu amigo Abu Bakr (570-634) que acabou se tornando o *califa*, por ter apoio da maioria. Anos depois, Ali se tornou o *Califa* e foi assassinado, em 661. A nova disputa pela sucessão marcou a divisão formal e permanente entre os grupos. Os *Xiitas*, originalmente citados como “partidários de Ali”, desejavam que os sucessores do profeta fossem seus descendentes diretos, neste caso defendiam que o filho do Califa morto, Hussein, assumisse o cargo. Os *Sunitas* (termo proveniente de *sunnah*, “tradição”) defendiam a posse de Muawiyah, governador da Síria, escolhido pela maioria dos muçulmanos.

Pilares Sagrados; a discriminação religiosa; os problemas cotidianos do islamismo; a relação dos árabes com o Estado de Israel; a destruição de locais sagrados; a necessidade de união entre os muçulmanos.



Figura 1 : Mesquita de Belo Horizonte

Disponível em: <http://islamismobr.blogspot.com.br/2012/06/o-islamismo-em-belo-horizonte-mg.html?showComment=1422038255892#c8965803262668120122>

Acesso em 18/02/2010



Figura 2 : Interior da Mesquita de Belo Horizonte

Disponível em: <http://islamismobr.blogspot.com.br/2012/06/o-islamismo-em-belo-horizonte-mg.html?showComment=1422038255892#c8965803262668120122>

Acesso em 18/02/2010

É importante analisarmos primeiramente algumas questões acerca da estrutura e funcionamento da mesquita²⁰. A SBM, entidade que administra o templo, tem sede e foro jurídico na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. A sua área de atuação e atividades estende-se a todo o Estado e é constituída por número ilimitado de sócios, sem distinção de raça, nacionalidade, sexo, ou classe social.

Mantém correspondências e publicações com instituições muçulmanas, tanto brasileiras, como estrangeiras. A sociedade também é filiada ao Centro Islâmico do Brasil, em Brasília, e à Liga Islâmica Mundial, com sede em Meca, na Arábia Saudita. De acordo com o Estatuto, a sociedade pode abrir sucursais em outras cidades do estado.

A SBM propõe o estudo do Islamismo como filosofia, religião, ciência e sua herança cultural e moral para a humanidade, buscando com isso a aproximação do Oriente e do Ocidente, através do estudo profundo da doutrina muçulmana, utilizando como fontes históricas o *Alcorão (livro sagrado)*, os *Hadiths* (tradições) e a *Sunnah* (ações e exemplos do profeta). A entidade promove comemorações festivas nas datas consagradas pelo Islamismo, ou em qualquer outra época, para maior aproximação e conhecimento entre as famílias muçulmanas e seus descendentes. É proibido o uso de bebidas alcoólicas, jogo de azar e o uso de carne de porco durante os encontros.

A Mesquita de Profeta Muhammad aceita donativos de seus associados ou de pessoas que não sejam associadas, para auxiliar os pobres necessitados, muçulmanos ou não, tanto material, como moralmente. É sustentada por mensalidades pagas por sócios contribuintes, servindo também, nos fundos, de residência oficial do *sheikh*, que por sua vez, deve trabalhar para manter-se juntamente com sua família²¹.

A diretoria da sociedade tem duração de dois anos, podendo-se reeleger diversas vezes. Compõem-se de: presidente; vice-presidente; 1º e 2º secretários; 1º e 2º tesoureiros; bibliotecário e tradutor, exercendo tais funções de forma gratuita.

A Assembleia Geral é o órgão máximo da sociedade. Reúnem-se, quando em caráter ordinário, uma vez por ano na segunda quinzena do mês de Maio, e extraordinariamente sempre que for necessário. É convocada pelo presidente, representante direto da diretoria, por dois terços dos sócios ou pelo Conselho Fiscal,

²⁰ Todas as informações contidas nessa análise foram retiradas do Estatuto da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais, disponível nas referências.

²¹ Em comunidades maiores, o *sheikh* não precisa trabalhar, ele é sustentado pela própria *mesquita*.

responsável por fiscalizar os livros financeiros da entidade. Todo sócio tem direito a votar e ser votado desde que seja sócio filiado no mínimo há seis meses, podendo ser excluído da sociedade caso cometa algum ato desonesto ou desonre a comunidade. Uma passagem do Estatuto resume as atribuições do *sheikh* e da diretoria:

Assim como à diretoria cabe a administração burocrático-administrativa da sociedade, o sheikh cabe a direção e a responsabilidade de tudo o que se relaciona à instrução e divulgação da parte religiosa e espiritual. Ele residirá com sua família na mesquita, sendo a figura central da mesma. Deve haver equilíbrio e harmonia entre a diretoria e o sheikh, cabendo à primeira, criar todas as condições e facilidades para que o sheikh tenha sucesso na sua função de instrutor e divulgador da religião de Deus, o Islã, no Estado de Minas Gerais. (SBM-MG, 1991, p.10)

5- A Divulgação do Islamismo em Belo Horizonte

Buscando entender se a divulgação do Islamismo em Belo Horizonte é feita pelo muçulmano, pela mesquita ou se isso não acontece, pesquisamos o Estatuto da SBM-MG. O documento possui em seu oitavo artigo, *dos objetivos da sociedade*, a seguinte menção: “a divulgação em Minas Gerais dos ensinamentos do Islamismo através de conferências, cursos e publicações. Ministras aulas de língua árabe a quem o interessar e organizar na sua sede uma biblioteca”. (SBM, 1991, p.2)

O Estatuto nos diz que divulgará o Islã para aqueles que se interessarem. Torna-se importante analisarmos que, em nenhuma parte, o documento propõe o aumento do número de fiéis ou a conversão de novos brasileiros. Essa conclusão foi tirada após lermos que: “o pedido de inclusão de um novo sócio deve ser apresentado por um membro da sociedade e caberá à Diretoria a sua aceitação ou não”. (SBM-MG, 1991, p.3)

Entendemos que para um muçulmano ser incluído no grupo, de acordo com o estatuto, ele deve ser indicado por um membro e aceito pela diretoria. Por tal observação é importante dizermos que a comunidade islâmica de Belo Horizonte não aumenta o número de frequentadores de forma significativa desde sua fundação em 1962. Em seus mais de 50 anos, as orações de sexta-feira permanecem sendo frequentadas por aproximadamente 30 pessoas. O aumento do grupo ocorre principalmente pela inexistência de políticas voltadas para a divulgação do credo na Capital Mineira.

A única forma perceptível de divulgação do Islamismo em Minas Gerais/Belo

Horizonte, durante o período em que foi desenvolvida a pesquisa é o site www.islamgerais.org. Diferente dos grandes centros islâmicos do Brasil, Foz do Iguaçu e São Paulo, o da Capital Mineira não possui nenhum centro cultural ou mesmo escola para os membros da religião. Também não se observou nenhuma ação efetiva por parte dos frequentadores da *mesquita*, tanto imigrantes quanto brasileiros, que propunha a difusão do Islã. Para estes, a *mesquita* ainda é vista como local para a manutenção/conservação identitária das tradições muçulmanas.

Por essa falta de difusão, utilizaremos os dados coletados nos censos de 1940, 1960, 1991 e 2000, produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, para analisar a baixa evolução do número de muçulmanos do Brasil frente ao aumento da população.

No censo de 1940, a população brasileira era de 41.236.315 milhões de habitantes, e os muçulmanos foram estimados em 3.053, o que representa 0,00013% da população nacional. Em 1960, a população era 70.191.370 milhões de habitantes e o número de muçulmanos aumentou para 7.745, representando 0,008% da população, o que mostra um ligeiro aumento. No ano de 1991, os habitantes eram 144.723.897, e os seguidores do Islã eram 22.449 fiéis, representando 0,065%. A última pesquisa realizada no ano de 2000 apontou a existência de aproximadamente 27.239 pessoas muçulmanas, o que não representa nem 0,05 da população brasileira estimada em 165.715.411.

Tais informações são importantes de serem divulgadas, pois existe grande discrepância nos dados divulgados pela mídia, pelo governo e pelas entidades islâmicas. Pesquisas publicadas por fontes ligadas a religião apontam a existência de um milhão a 1,5 milhão de muçulmanos no Brasil. Na matéria *O Mundo é de Alá*, escrita pelo jornalista Eduardo Junqueira da revista *Veja*, informações sem pesquisa consolidada são passadas. Segue um trecho da matéria:

Até no Brasil, um dos maiores países católicos do mundo, o *Alcorão*, livro sagrado do Islã, atrai cada vez mais adeptos. Há quarenta anos a comunidade árabe possuía uma única mesquita. Hoje são 52 templos, espalhados por todo o país e frequentados por cerca de 2 milhões de fiéis. (JUNQUEIRA, 1999, p.1)

Podemos ver através de dados oficiais, que o Islamismo é uma religião minoritária no Brasil atual. Quando pensamos em Minas Gerais, especificamente Belo Horizonte, percebemos que o credo é quase nulo frente à população local. Na Capital Mineira o grupo estudado é pequeno, aproximadamente 200 pessoas de acordo com

informações passadas pelo próprio *sheikh*²² da *mesquita*, em entrevista realizada na sede da instituição no dia 15/04/2010.

Mesmo o Islã se tornando universalista em Belo Horizonte, a construção da *mesquita* não aumentou de forma significativa a quantidade de frequentadores assíduos do templo. “Observamos que o número de participantes não passava de 40 pessoas quando a frequência era alta, pois na maioria das vezes, contabilizei 30 pessoas” (SENA, 2007, p.40). Durante o estudo de campo visitamos a *mesquita* em quinze oportunidades e raramente a oração de sexta-feira foi frequentada por mais de 25 pessoas. Concordamos também que a crença em uma religião não pode ser aferida pelo número de frequentadores do templo, mas pelo fato de a presença ser reduzida, acreditamos que o número total de muçulmanos na Capital Mineira não supere em muito os presentes aos cultos de sexta-feira.

Alguns fatores são relevantes para entendermos que, mesmo após a construção da sede estadual, o número de muçulmanos na Capital das Alterosas é ínfimo. Partindo do pressuposto que a localização da *mesquita*, em uma região de difícil acesso para as camadas populares, torna-se um desses fatores. Acreditamos que se a localização do templo se mantivesse em uma região mais central, como acontecia na *mussala (sala de orações)* situada na Rua São Paulo, contribuiria para uma maior divulgação da religião, uma vez que o fluxo de pessoas é maior e, conseqüentemente, o número de fiéis possivelmente aumentaria. Outro fator que dificulta o aumento do número de adeptos do Islã é o horário dos encontros na sexta-feira, por volta das 13 horas. Nesses dias pode-se observar a maior presença de fiéis, mas no caso do Brasil, por se tratar de um dia útil, todos trabalham e/ou estudam, o que diminuiu a presença do crente. Outro fator que reduz o número de fiéis é o rigor imposto pelo *jejum* no mês sagrado do *Ramadã*, onde os crentes que possuem condições de saúde e econômicas se abstêm de beber qualquer tipo de líquido e ingerir alimento durante todo o dia, só podendo fazê-lo nas horas em que o Sol se por. Também podemos citar as leis severas da religião contra adultério, assassinato, furto, homossexualismo e consumo de álcool como impedimento à conversão de muitas pessoas.

Uma última análise deve ser levantada sobre esse assunto. Opondo-se ao isolamento/discrição dos imigrantes frente à comunidade local, está o grupo dos

²² Na época o senhor Mokhtar el Khal.

brasileiros convertidos, com ou sem ascendência muçulmana. Uma abordagem de Nabhan, uma das especialistas nacionais em Islã, torna-se importante para entendermos quem são os convertidos sem ascendência árabe:

A maioria dos muçulmanos, de origem brasileira, é oriunda de movimentos de classes sociais que vê no islamismo a possibilidade de igualdade entre homens. A religião islâmica, na sua totalidade, oferece soluções para os homens que estão em “crise de fé”: a “crise de fé” acarreta uma “crise moral” que acaba com, a ética. Segundo depoimento desses “novos muçulmanos”, o Islamismo, que propõe a volta do homem ao seu criador, está crescendo graças à sua simplicidade e à sua disciplina. (NABHAN, 1996, p.120)

Ao responderem o questionário proposto, os brasileiros revelaram-se *Sunitas* e não contribuíram para a construção da *mesquita*, uma vez que se converteram entre os anos de 2001 a 2008. Recordando novamente Giddens e seus *modelos fundamentais de integração étnica*, os brasileiros defendem o *pluralismo cultural*:

Nessa visão, o caminho mais apropriado é cultivar o desenvolvimento de uma sociedade genuinamente plural, na qual se reconheça a igual validade de numerosas subculturas diferentes. Uma abordagem pluralista atribui igual valor à colaboração de cada grupo étnico minoritário dentro da sociedade, o que significa que eles usufruem dos mesmos direitos que a população majoritária. (GIDDENS, 2005, p.213)

Os convertidos sempre procuram expandir o Islã. Esses contribuíram como estudo, principalmente respondendo as perguntas e conversando sobre a religião²³, o que esclareceu ainda mais a crença. Quando indagados se contribuem de alguma forma para a divulgação da religião, todos dizem contribuir para divulgá-la. O convertido E. nos relatou que; “traz amigos, explica na escola, no serviço, distribui folhetos e fotos”. (E. 22 anos, convertido)

É importante ressaltar que a mídia sempre relaciona o Islamismo ao Oriente Médio e aos terroristas. Por este motivo, boa parcela dos convertidos afirma ter sofrido discriminação após sua conversão ao Islã, da família e amigos. O relato de um convertido com ascendência árabe ilustrará melhor tal informação: “comecei a estudar o Islã com 14 anos de idade por desconfiar das informações passadas pela mídia, pois

²³ Há de se fazer uma ressalva a Allan Mansur, filho de imigrantes sírios, vice-presidente da Sociedade Beneficente Muçulmana na época, que colaborou bastante para o desenvolvimento dessa pesquisa. Outros entrevistados pediram para que seus nomes reais não fossem identificados, sendo assim, foram citados por uma letra do alfabeto que não possuísse nenhuma ligação com o seu nome.

convivia com muçulmanos em Belo Horizonte desde criança na colônia libanesa, na qual faço parte”. (G. 28 anos, convertido)

Para Sena, a comunidade islâmica da capital mineira está saindo de um simples grupo étnico e se transformado em uma religião universalista.

A partir da chegada de novos membros sem ascendência muçulmana no grupo, deixa de ser uma religião de caráter étnico, e caminha rumo a uma religião mais universalista, isto é, aberta a todas as pessoas, independente de sua origem, que buscam um sentido religioso para suas vidas. (SENA. 2007, p. 79)

Para entendermos o porquê de o Islã estar se tornando uma religião universalista em Belo Horizonte, devemos ressaltar alguns fatores. Primeiro: os imigrantes fundadores da mesquita, em sua maioria, morreram ou já estão bastante idosos. Segundo: seus filhos renunciaram quase em totalidade aos costumes religiosos do Oriente e se adaptaram às tradições brasileiras, muitos inclusive se casaram com mulheres cristãs e se converteram ao Cristianismo. Terceiro: o número de muçulmanos sem ascendência árabe, *brasileiros convertidos*, aumenta a cada dia na mesma proporção em que o grupo original de imigrantes reduz. Uma passagem de Perez e Mariz, citado por Sena é importante para entendermos que:

Diferentemente do imigrante, para quem a religião se mistura com os costumes e tradições do país de origem, ou seja, é sua raiz e herança cultural, entre esses conversos a religião é uma escolha entre várias opções religiosas num mundo plural e se constitui numa *ruptura simbólica* com suas raízes. (SENA, 2007, p.16)

Amparados por uma ideologia de união étnica, após 47 anos de existência a realidade não é a mesma da esperada na fundação. Hoje, a comunidade muçulmana de Belo Horizonte passa por intensas transformações. A quantidade de imigrantes que ajudou a fundar a mesquita está diminuindo de forma acelerada. O Islã mineiro não é mais árabe, ele é brasileiro. Os novos convertidos que foram aceitos pelo grupo querem seguir o Islã, não os costumes árabes.

Considerações Finais

Os imigrantes muçulmanos que chegaram a Belo Horizonte durante todo o século XX, fugindo das mazelas sociais existentes em seus países de origem, possuíam um único objetivo: ficar rico e voltar à terra natal.

Dedicando-se ao comércio no centro da cidade desde os primeiros anos, em pouco tempo conseguiram acumular riqueza e trazer cada vez mais parentes – pais, irmãos e sobrinhos, para ajudar na *lida* do dia-a-dia. Organizando-se em sociedades que visavam à manutenção das tradições e da língua árabe, os imigrantes casaram-se com mulheres árabes em um primeiro momento e com brasileiras posteriormente. Seus filhos, brasileiros, aprendiam mais facilmente o idioma e se adaptavam cada vez mais aos costumes locais²⁴, inclusive o Cristianismo, ensinado pelas mães.

Em Belo Horizonte, local que surge do tradicionalismo cristão, originado da colonização portuguesa, sempre existiu um acanhado pluralismo religioso. Atualmente, a modernidade contribui para esta diversidade, uma vez que o mercado de religioso é altamente lucrativo, com relação a todas as religiões, inclusive o Catolicismo, Islamismo, Espiritismo e o Protestantismo.

Estudar um grupo de religiosos no Brasil não é tarefa simples. O período estudado no trabalho proposto, 1962-2012, marca o início de intensas transformações na Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais. Conclui-se que parte desse grupo religioso, os imigrantes, presentes no cenário belo-horizontino há aproximadamente cinquenta anos, ainda não conseguiram integrar-se de forma definitiva com a comunidade local.

Mesmo após a construção da sede estadual em 1992, o número de muçulmanos na Capital das Alterosas é ínfimo, não tendo sofrido grandes alterações nos últimos 18 anos. Podemos listar alguns fatores principais para que o grupo de imigrantes muçulmanos em Belo Horizonte não aumentasse ao longo dos anos: redução drástica na quantidade de árabes que se direcionaram à Capital Mineira pós-década de 1980; envelhecimento e morte dos imigrantes fundadores da *mesquita*; falta de divulgação da religião; aculturação de seus descendentes que após se integrar a sociedade local, abandonam sua cultura originária à medida em que se socializam no país receptor.

Os imigrantes árabes, sobretudo os sírios, os libaneses e os palestinos, buscavam construir uma *mesquita* em Belo Horizonte para a manutenção das tradições islâmico-árabes, não se preocupando em nenhum momento ao longo dos anos com a divulgação da religião, e conseqüentemente, a conversão de novos fiéis. Mas como um fenômeno normal, alguns brasileiros converteram-se no decorrer das décadas de 1980 e 1990,

²⁴ Tal fato é comprovado pelo reduzido número de brasileiros descendentes de árabes que frequentam a mesquita de Belo Horizonte.

transformando a *mesquita*, antes restrita a imigrantes, em um local onde predominava o pluralismo étnico.

Opondo-se ao isolamento/discrição dos imigrantes frente à comunidade local, está o grupo dos *brasileiros convertidos, com ou sem ascendência muçulmana*. A diferença entre os grupos está basicamente no que os brasileiros chamam de *divulgar a religião*:

A gente fica tentando ver se atrai mais pessoas pra cá, mas a gente não tem muito incentivo não, o *sheikh* concorda com os árabes ele acha que a mesquita tá aí aberta vem quem quer, mas acho que a questão é maior, temos que ajudar nosso grupo crescer, divulgar nossa religião porque aqui somos poucos e poucas pessoas sabem da mesquita (F. Convertido, 45 anos). (SENA, 2007, p.76)

Concluimos tal estudo tendo certeza de que os fundadores da mesquita pretendem, na realidade, permanecer de forma discreta, mantendo a língua árabe e a cultura trazida pelos imigrantes, recusando-se até em divulgar a religião.

Em um curto espaço de tempo, a Comunidade muçulmana de Belo Horizonte se transformará por completo. Será um grupo exclusivamente de brasileiros convertidos e de imigrantes temporários, estudantes e profissionais que veem ao país por um curto período. Temos certeza que, quando os brasileiros convertidos forem maioria na mesquita da Capital Mineira, o Islã mineiro passará novamente por intensas transformações, principalmente no que diz respeito ao aumento da divulgação da religião, sendo necessária futuramente uma nova abordagem acerca dessa temática.

Referências Bibliográficas

ABDALATI, Ammudah. *O Islam em foco*. São Bernardo do Campo: [s.n.], 1989.

BRASIL. *Rev. Imig. Col*: Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, ano V, número 3, setembro de 1944. pag. 590-641-642; ano XII, número 136, dezembro de 1945. pag. 207-223.

CONSTANTINO, Cristiane et al. *Allah Belo Horizonte: um estudo sobre a comunidade muçulmana de BH*. Belo Horizonte, s.n, 2005.

GIBB, H. A. R. *Studies on the civilization of Islam*. London, [s.n.], 1962.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JORGE, Salomão. *Álbum da colônia sírio-libanesa no Brasil*. São Paulo: Sociedade

Impressora Brasileira, s.d., p.135.

NABHAN, Neusa Neif. *Islamismo: de Maomé aos nossos dias*. São Paulo: Ática, 1996.

PEREIRA, Elizabeth Guerra Parreiras Baptista. *Belo Horizonte, uma cidade de acolhimento: a identidade de sobrevivência na imigração portuguesa entre 1975 e 1990*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

REAL, E. A. S. *A presença de muçulmanos e a construção da mesquita na Capital Mineira (1962-2008)*. 2010. 61f. Monografia (conclusão de curso) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Ciências Humanas, Belo Horizonte.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SENA, Edmar A. *Islã e Modernidade: um estudo sobre a comunidade muçulmana de Belo Horizonte*. Juiz de Fora. 113f. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Fontes Escritas: Periódicos, Revistas, Jornais e Internet.

IBGE. *Tendências Demográficas: Uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos 1940 e 2000*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/analise_populacao.pdf

VEJA ON LINE. *O Islã no centro do mundo: A religião que mais cresce vive uma hora decisiva*. 2010. Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/islamismo/contexto_perspectivas.html. Acesso em: 18 fev. 2010.

Fontes Primárias

ALCORÃO. PORTUGUÊS. *Alcorão Sagrado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tangará, 1977.

ATA DA ASSEMBLLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS DE BELO HORIZONTE. Belo Horizonte: mar. 2007.

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1945, p. 209-214.

SBM-MG. *Estatuto da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais*. Belo Horizonte, s.n, 1991.

REGISTRO DO CENTRO DE ESTUDOS ISLÂMICOS DE BELO HORIZONTE. Belo Horizonte: Registro Civil das Pessoas Jurídicas. nov. 2007.

Entrevistas (História Oral)

Allan Mansour. 52 anos. Sunita frequentador da *Mussala* de Belo Horizonte. PUCMG: Belo Horizonte, entrevista concedida em 15/04/2010.

Mokhtar el Khal. 55 anos. *Sheik* da *Mesquita* de Belo Horizonte. PUCMG: Belo Horizonte, entrevista concedida em 15/04/2010.